



ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS  
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 4ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 2º PERÍODO DA 19ª LEGISLATURA DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB, PARA DEBATER “O SERVIÇO FAMÍLIA  
ACOLHEDORA, REALIZADA NO DIA 08 DE OUTUBRO DE 2025.

Aos oito dias do mês de outubro do ano dois mil e vinte e cinco, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelos Vereadores José Ítalo Gomes Cândido, 1º Secretário “Ad hoc”, e Brenna Victória Leonardo Ferreira Nóbrega, 2ª secretária “Ad hoc”. Compareceram a esta Audiência os Vereadores e Vereadoras: Brenna Victória Leonardo Ferreira Nóbrega (PSB), Jonatas Kaiky de Oliveira Santana (REPUBLICANOS), José Ítalo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Maria de Fátima Medeiros de Maria (REPUBLICANOS), Marilucia de Lira Souza (REPUBLICANOS), Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes, Samuel Figueiredo Ferreira Lima (PSB) e Valtide Paulino Santos (REPUBLICANOS), em um total de 08 (oito). Por solicitação da senhora Presidente, as Vereadoras Brenna Victória Leonardo Ferreira Nóbrega e Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes receberam os seguintes convidados: Caio Rodolfo, Promotor da Vara da Infância e Juventude; Helena Wanderley, Secretária de Desenvolvimento Social e Habitação; Késia Naara, Coordenadora da Família Acolhedora; Antônia Furtado, Assistente Social Coordenadora da Casa do Acolhimento para Crianças e Adolescentes; o senhor José Luciano Vieira, Psicólogo do Tribunal de Justiça NAPEM; o senhor Ivomar Teixeira, Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia da 13ª Região; a senhora Nazaré Rodrigues, representando a Família Acolhedora; Capitão Eric Marcelino, representando o 3º Batalhão de Polícia Militar; Capitão Neilton do 4º Batalhão de Bombeiro Militar; Edileny Medeiros, representando a Escola FERA. A senhora Presidente registrou as seguintes presenças: senhora Lielma Xavier, representando a Ação Social Diocesana de Patos; a senhora Maria Lúcia Ferreira da Silva, representando o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência; Alba Lanuza, representando a Pastoral da Criança; Juliana Silva, representando o Hospital Infantil; Ciro Leite Pires, Diretor da UNINASSAU; Francinete Vieira, representando a Fundação Bem Viver; Lucinha Peixoto, ex-vereadora da cidade de Patos. A Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos”. Com a palavra, o 1º Secretário “Ad hoc”, após cumprimentar a todos, procedeu a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. MINISTÉRIO PÚBLICO. PROMOTÓRIA DE JUSTIÇA DE PATOS. Ofício nº 430/2025, Patos, 23 de julho de 2025. Assunto: Solicitação de informações. À Sua Senhoria a Senhora Presidente da Câmara de Vereadores de Patos. Senhora Presidente, O Ministério Público do Estado da Paraíba com base na Constituição Federal, artigo 129 inciso 6 e na Lei nº 8.625/93, art. 26 inciso 1, alínea b, para instruir o procedimento acima identificado, requisita a Vossa Senhoria informações sobre o

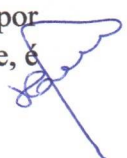


interesse na realização de uma Audiência Pública em conjunto Ministério Público e Poder Legislativo Municipal a respeito do conhecimento e a ampliação do serviço de família acolhedora, programa de acolhimento familiar para crianças e adolescentes, cujos direitos foram violados, no município de Patos. O Ministério Público solicita que a sinalização, resposta, seja encaminhada no prazo de quinze dias. Leidimar Almeida Bezerra - 2º Promotor de Justiça de Patos – em Substituição”. “ESTADO DA PARAÍBA. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. REQUERIMENTO Nº 1.266/2025 – SOLICITO DA MESA DIRETORA AGENDAR UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA O DIA 08 DE OUTUBRO DE 2025, ÀS 19H, PARA DISCUTIR O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO EM FAMÍLIA ACOLHEDORA, NO MUNICÍPIO DE PATOS. Na forma regimental, após consultado o Plenário, solicito da mesa diretora agendar uma Audiência Pública no dia 20 DE AGOSTO DE 2025, ÀS 19H, PARA DISCUTIR O SERVIÇO DE ACOLHIMENTO EM FAMÍLIA ACOLHEDORA, NO MUNICÍPIO DE PATOS. JUSTIFICATIVA: A realização dessa audiência é de extrema importância para promover um espaço de diálogo aberto entre todos os envolvidos, incluindo representantes do poder público, instituições sociais, profissionais da área e a comunidade. Essa iniciativa visa fortalecer as ações de acolhimento, garantir a proteção integral às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, além de possibilitar a troca de experiências e boas práticas que possam contribuir para a melhoria contínua do serviço na região de Patos. O serviço de acolhimento em família acolhedora desempenha papel fundamental na proteção dos direitos de crianças e adolescentes, oferecendo uma alternativa humanizada e eficaz ao acolhimento institucional. Contudo, é essencial que esse serviço seja constantemente avaliado, aprimorado e alinhado às políticas públicas e às necessidades específicas da comunidade local, assegurando sua efetividade e sustentabilidade. SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA, EM 24 DE JULHO DE 2025. VALTIDE PAULINO SANTOS – PRESIDENTE/AUTORA. Subscrito pela Vereadora Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes. Pela Ordem, a **Vereadora Maria de Fátima Medeiros de Maria** disse: Presidente, eu gostaria de registrar duas presenças aqui, Samara, representando o Conselho da Mulher; e a senhora dona Creuza, representando a Associação de Moradores da Vila Cavalcante. E justificar a ausência do Vereador Maikon, pois o mesmo teve que viajar. Obrigada, Presidente”. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra o senhor **Ivomar Teixeira**, Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia da 13ª Região: “Boa noite a todos e a todas. Inicialmente eu gostaria de fazer minha autodescrição, eu sou um homem branco, loiro, olhos castanhos, tenho uma barba grisalha, estou vestindo uma camisa longa de cor cinza, uma calça preta e sapatos marrons. Gostaria de saudar a Mesa na pessoa da Presidente Tide Eduardo, também a Vereadora Nadir e todos os que estão aqui, neste momento, e que estão envolvidos com essa temática. Eu estou como representante do Conselho Regional de Psicologia, fazendo parte da atual gestão; nós assumimos a pouco tempo, e manifesto a honra de estar nesta Casa, juntamente com outros Psicólogos que aqui estão. Também tem a Conselheira Adeliana Coutinho, que vai fazer uso da palavra neste dia. E é com grande responsabilidade e sensibilidade que o Conselho Regional de Psicologia participa desta Audiência Pública, para discutir uma política que representa não apenas um abrigo físico, mas um espaço de reconstrução de vínculos de cuidado e de esperança. A família acolhedora é antes de tudo um ato de proteção integral, e quando uma criança ou adolescente precisa ser afastado do seu convívio familiar, na maioria das vezes, é porque




ela está inserida em um ambiente marcado por violência, negligência e outras formas de vulnerabilidade. Nessas circunstâncias, a família acolhedora surge como uma medida de reconstrução emocional, é uma forma de oferecer suporte psicológico, permitir que essa criança ou adolescente seja acolhido, ouvido, compreendido e valorizado. É garantir que todo tempo de acolhimento seja também um tempo de reparação e fortalecimento da saúde mental das crianças e dos adolescentes. A psicologia tem um papel fundamental nesse processo. Sabemos que conviver em espaços de violência abandono ou desamparo deixa marcas profundas, mas essas experiências interferem também no desenvolvimento emocional, na capacidade de confiar e de se relacionar e de construir uma identidade saudável. E se não houver um acompanhamento adequado, as feridas da infância se tornam as dores da vida adulta, refletindo em dificuldades efetivas, sociais e até profissionais. Cada criança acolhida carrega uma história de ruptura, mas também uma possibilidade de recomeço. E é o nosso dever, enquanto sociedade e profissionais, transformar esse tempo de acolhimento em um espaço de reconstrução emocional e de reafirmação da dignidade. O que a gente espera, neste momento, é que as pessoas que estão ouvindo que estão compreendendo melhor se identifiquem e possam contribuir, possam também se candidatar a serem famílias acolhedoras. E pra finalizar, eu quero reafirmar o papel, enquanto Conselho, que nós reforçamos que agora estamos muito mais próximos, temos representantes do Conselho aqui em Patos, temos representantes do Conselho não só em João Pessoa, mas Campina Grande, Patos, Cajazeiras, Guarabira e Sousa. E implantamos uma subsede aqui no sertão, no Edifício Milindra Empresarial, no centro de Patos. Depois de muita luta, nossa cidade foi contemplada para acolher os profissionais do sertão, que antes precisavam se deslocar pra os outros centros. Assim, estamos mais próximos não só dos psicólogos, mas também da sociedade e dos serviços essenciais, como é o acolhimento, a família colhedora. O Conselho Regional de Psicologia reafirma o seu compromisso em contribuir com políticas públicas que valorizem a saúde mental e o bem-estar das nossas crianças e adolescentes. Obrigado".

Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra a secretária de Desenvolvimento Social, a senhora **Helena Wanderley**: "Boa noite a todos e a todas que estão aqui presentes. Quero saudar a mesa em nome da Vereadora Nadir, que é também um exemplo de família acolhedora. E saudar também Dona Nazaré, que faz parte dessa rede de apoio da família acolhedora que nós temos no município de Patos. Agradecer aqui a Doutor Caio por estar aqui presente e por ter mobilizado, pra que a gente pudesse aqui, neste momento, sensibilizar as pessoas, trazer informações sobre esse serviço tão importante que é o serviço família acolhedora. Eu vou trazer um pouco do que é o serviço em família colhedora, mostrar o que nós estamos fazendo aqui em Patos, pra que vocês possam levar essas informações pra outras pessoas, que possam se sensibilizar com a causa, pra que a gente possa ter em Patos mais famílias acolhedoras, porque elas realmente fazem a diferença na vida das crianças que mais precisam nesse momento. O acolhimento é uma medida de proteção prevista no ECA. E a família acolhedora é um desses tipos de acolhimento. A família acolhedora tem um cadastro, aquelas famílias que têm interesse, fazem um cadastro, e aí tem todo um acompanhamento da equipe técnica pra que possa informar, orientar, que possa acompanhar a família nesse momento. E as crianças que são afastadas temporariamente das suas famílias, porque sofreram algum tipo de violência ou de violação de direito, elas são levadas pra um acolhimento ou pra família acolhedora; e na família acolhedora elas ficam temporariamente acolhidas por uma família. Diferente da adoção, que na adoção é uma medida que já fica pra sempre, é



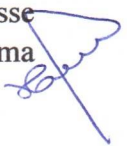


filho mesmo, e na família acolhedora as crianças e adolescentes, temporariamente, ficam com essas famílias onde tem todo cuidado, toda proteção, todo o afeto dessa família. Então, por que é importante que as crianças sejam encaminhadas para a família acolhedora? Porque estudos já mostram a diferença que é na vida da criança, aquelas que estão em famílias acolhedoras temporariamente, até que seja decidido pela justiça se elas voltam pra suas famílias de origem ou se elas irão pra uma adoção. E nesse período em que as crianças e adolescentes passam com a família acolhedora, recebendo todo afeto, a convivência familiar, o cuidado a proteção, os estudos já mostram que isso faz a diferença, que a criança que está numa família acolhedora ela se desenvolve melhor, ela tem o cuidado da família, ela tem o afeto. Principalmente aquelas crianças que estão na primeira infância, que estão na idade de zero a seis anos, que estão afastadas de suas famílias, que vão para uma família acolhedora elas se desenvolvem melhor, elas têm mais cuidado, mais proteção, e é isso que elas vão levar pra o resto da vida, são essas experiências, esse cuidado que essas crianças vão levar para o resto da vida. Então, é importante que quando, se precisar, que a gente tem todo cuidado, Patos investe na primeira infância, Doutor Caio, investe em todo cuidado na proteção e no cuidado das crianças, desde a gestão, cuidando da primeira infância, fazendo investimentos, pra que a gente possa proteger essas crianças, cuidar das suas famílias, pra que elas não cheguem a precisarem de ir pra um acolhimento. Mas se precisarem, que a gente reforce esse cuidado, que a gente sensibilize as pessoas, as famílias, pra que mais famílias sejam cadastradas, sejam inscritas no família acolhedora de Patos, e que a gente possa ter um lugar seguro, um lugar tranquilo, mais acolhedor pra nossas crianças. Nós temos em Patos também a Casa de Acolhimento, onde a gente tem todo cuidado, tem toda proteção, mas é diferente. O cuidado no acolhimento familiar começa pela mudança de cuidadores, a rotatividade de cuidadores. As crianças não têm uma pessoa que elas tenham como referência para cuidar delas, elas não têm uma pessoa fixa, que todos os dias está ali para cuidar, para levar para a escola, para dar a sua alimentação, para dar seu banho, para orientar. É diferente das crianças que estão em família acolhedora. E como nós já temos o exemplo em Patos, mostrando essa diferença, podemos realmente dizer que a família acolhedora faz a diferença na vida de uma criança. Nós temos esse exemplo da Vereadora Nadir, que hoje é família acolhedora, de Dona Nazaré, que é da rede de apoio de Nadir. E a gente sabe que a criança que está participando desse momento, nesse momento difícil da vida dela, e na família acolhedora, é diferente daquelas crianças que estão no acolhimento institucional. Porque lá, por mais cuidado que a gente tenha, por mais proteção, por mais afeto que seja dado, a gente não consegue fazer a mesma coisa de uma criança que está numa família dedicada a ela, que escolheu recebeu uma criança, escolheu acolher uma criança. Então, a gente sabe que aquela família que escolhe, que diz que está pronta, preparada para receber uma criança ou adolescente, temporariamente, enquanto ela está naquele momento difícil de sua vida, a gente sabe que essa família está preparada para cuidar, para dar afeto, para dar proteção. E a gente aqui já convida a todos para quem quiser se cadastrar, para conhecer melhor, que procure a Secretaria de Desenvolvimento Social, a Coordenadora Kézia, que está aqui, toda equipe técnica do Família Acolhedora, que está aqui, para que a gente possa informar mais àquelas famílias que, às vezes, dizem: 'não, eu não tenho condições porque financeiramente eu não tenho como acolher'. O Família Acolhedora, dentro da lei, já prevê uma bolsa auxílio, um auxílio para que a gente possa ajudar essa família a cuidar dessa criança enquanto ela estiver em família acolhedora. Tem o valor de um salário mínimo para que a gente possa, junto com a família, proteger e cuidar dessa criança.





temporariamente, enquanto é decidido se ela volta para a sua família de origem, ou se ela vai para a lista de adoção. Então, neste momento, eu quero agradecer a todos que estão aqui, agradecer a Presidente Tide, por esse momento, a todos os vereadores que estão aqui, comprometidos com esse serviço em família acolhedora, agradecer a todos vocês que estão aqui. Que daqui a gente possa sensibilizar mais pessoas, mais famílias, mostrar esse serviço tão importante. E que a gente possa cumprir o que diz o artigo 227, não é Doutor Caio, que é responsabilidade de todos, da família, da sociedade e do poder público, cuidar e proteger nossas crianças. Então vamos cumprir o que diz o artigo 227, e vamos chamar, convidar a todos e se inscrever para ser família acolhedora, que eu tenho certeza que é uma experiência que faz a diferença na vida das crianças, mas também na vida da família que acolhe, que passa afeto, que cuida da criança, passa amor naquele momento tão difícil. Tenho certeza que isso está fazendo a diferença na vida de Nadir, e toda a sua família, que está acolhendo uma criança e mostrando esse exemplo para outras famílias. Muito obrigada”. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra, a senhora **Kézia Naara Carneiro de Oliveira**, coordenadora do Família Acolhedora: “Boa noite a todos e todas. Vou fazer minha autodescrição, porque temos pessoas nos vendo, amigos, inclusive, que a gente encaminhou para que conhecesse também o serviço para aqueles que não puderam vir. Eu sou uma mulher branca, cabelos castanhos, estão alisados hoje, estou de roupa monocromática, toda azul, estatura mediana e buscando emagrecer. Queria saudar a Mesa e todos os presentes em nome de Nadir, porque essa referência foi a que nos deu o pontapé mais positivo que poderíamos experimentar. Então Nadir acolheu, não prontamente, porque a gente nunca está pronta, mas, sensibilizou-se com a situação, com o serviço e, sobretudo, com a criança. Então, nada mais importante e prazeroso do que a gente estar aqui, neste momento, na Casa do povo. Nós somos o povo, essa sociedade, porque foi daqui que foi aprovada a lei que criou o serviço de Família Acolhedora. Então, imbuída desse sentimento, de forma sensível e responsável, a gente vai falar hoje sobre a Família Acolhedora, que visa justamente o apoio, o acolhimento de crianças e adolescentes que precisaram ser afastados temporariamente de suas famílias originárias, ou de sua família extensa, que é o que a gente pode chamar de rede de apoio. Também em Dona Nazaré, que tem feito um papel fundamental. Então é importante a gente destacar a rede de apoio, porque família é rede de apoio um do outro. Eu estou aqui com minha família, está toda lá em cima, para ver se uma delas sai daqui sensibilizada também, quem sabe se torna uma família acolhedora. Conceitualmente, o serviço de Família Acolhedora está previsto no ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, e é uma medida protetiva que oferece acolhimento temporário a crianças e adolescentes afastadas de suas famílias de origem por decisão judicial. É importante destacar que precisa de um processo para esse entendimento desse afastamento, com toda a rede de proteção e o sistema de garantias de direito. Ele é inserido dentro de uma previamente selecionada e habilitada para proporcionar esses cuidados, a exemplo do que aconteceu com Nadir. Cuidado, segurança e afeto, e é uma alternativa preferencial ao acolhimento institucional. É um serviço que organiza e acompanha o acolhimento temporário de crianças e adolescentes em residências de famílias selecionadas e capacitadas pela equipe técnica, que é formada por uma profissional de psicologia, de serviço social e a coordenação, que sou eu. Em termos numéricos, no Brasil, de acordo com o senso SUAS, existem trinta e duas mil crianças afastadas de seus lares, e elas estão em acolhimento institucional. Sendo que apenas 7,7% (sete vírgula sete por cento) desse número está em famílias acolhedoras. Na Paraíba, conforme os dados do Sistema





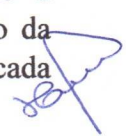
Nacional de Adoção, nós temos quatrocentos e dez crianças e adolescentes acolhidas, e somente cinquenta e sete estão em famílias acolhedoras. Na realidade de Patos, contamos hoje com dezessete crianças no acolhimento institucional, sendo que apenas uma criança está em família acolhedora, porque até o momento a gente só conta com uma família habilitada. Esse dado, embora pequeno, não representa apenas esse número frio, cru, ele traz o encontro do aconchego da criança com a família, da criança com o lar que protege, da criança com o grupo que entendeu que tinha essa responsabilidade de cuidar e proteger essa criança, tendo em vista o motivo do afastamento da sua família originária. O acolhimento familiar se diferencia de outras modalidades de acolhimento, pois prioriza a inserção da criança, ou adolescente, em um espaço familiar individualizado, garantindo maior proximidade afetiva, rotina de convivência comunitária e atenção personalizada. Ele oferece condições para que cada menino e menina, mesmo diante das rupturas e dores, possa experimentar vínculos seguros, confiança e a possibilidade de reconstruir sua história. Esse serviço é uma ferramenta concreta para efetivação do que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente, o direito à convivência familiar e comunitária como eixo central da proteção. Ao mesmo tempo em que protege, o acolhimento não rompe o elo com a família de origem. Pelo contrário, atua de forma complementar junto à rede de proteção social, por meio dos CRAS e CREAS, garantindo o tempo necessário para que medidas de apoio, acompanhamento psicossocial e fortalecimento de vínculos, sejam desenvolvidos junto aos pais e responsáveis. Tudo isso em articulação com o sistema de garantia de direitos, representado pelo Poder Judiciário, Ministério Público e Conselhos Tutelares. Mais do que um serviço, o acolhimento familiar é um ato de responsabilidade cidadã, já determinado em nossa Constituição Federal, em seu artigo 277, que diz que família, estado e sociedade compõem a tríade da proteção integral das famílias e adolescentes em todas as suas áreas de necessidades e direitos. Porém, para que seja efetivado, depende da sensibilização da sociedade. Cada família que se habilita abre as portas não apenas de sua casa, mas, sobretudo, de seu afeto e responsabilidade social, oferecendo às crianças e adolescentes a oportunidade de viver uma infância mais digna, protegida e plena de significados. Quando uma criança ou adolescente precisa se afastar de sua família de origem, por medida de proteção, é porque sua vida já carrega dores profundas, é porque houve negligência, violência, abandono ou situações de risco, que ferem sua dignidade. Nesse momento tão delicado, é papel do Estado e de todos nós garantir que essa criança não apenas seja protegida, mas que possa viver em um espaço onde o amor, a rotina e o aconchego façam parte do seu dia. Toda criança tem direito a crescer em família, e quando por algum tempo essa família não pode ser a de origem e extensa, que seja a família acolhedora, representação da sociedade e do Estado a assegurar essa vida com carinho e respeito, até que ela possa retornar ou encontrar um novo lar definitivo. O acolhimento familiar é uma casa que oferece colo, segurança alimentar, alguém que pergunta como foi o dia na escola, alguém que a chama pelo nome com carinho. Parece simples, mas é transformador. O acolhimento familiar tem uma força única, ele mostra que mesmo diante da dor, o mundo pode ser seguro, mostra que existem adultos capazes de cuidar sem violência, capazes de amar sem pedir nada em troca. Isso não apaga o passado, mas abre caminhos para o futuro. Por isso reafirmamos a importância de ampliar e fortalecer esse serviço, precisamos de mais famílias parceiras, precisamos divulgar e valorizar essa política de cuidado, e, acima de tudo, precisamos reconhecer o impacto humano que ela tem na vida de cada criança e adolescente acolhido. Ser família acolhedora não é um caminho fácil, requer responsabilidade, sensibilidade e



preparo, mas é também um caminho repleto de sentido. Quem acolhe, aprende tanto quanto ensina; quem acolhe, descobre que o amor pode caber em lugares que antes pareciam impossíveis. E aqui quero fazer uma observação especial, precisamos de mais famílias acolhedoras, Patos tem potencial para isso. Famílias que compreendam que abrir a porta da casa para colher uma criança é, antes de tudo, abrir a porta do coração, que saibam que esse gestor não é apenas um ato de bondade, mas um ato de transformação social, porque ao proteger uma criança, nós protegemos o futuro da nossa comunidade. Se cada um de nós sairmos daqui entendendo a importância desse serviço; se cada um de nós se mobilizar para apoiar, divulgar ou até se habilitar como família acolhedora, daremos passos firmes para construirmos uma sociedade mais justa, humana e solidária. Concluo lembrando que proteger uma criança e um adolescente é proteger o futuro de toda a sociedade, que o serviço de acolhimento em família acolhedora siga sendo instrumento de esperança, cuidado e transformação de vida. Que sejamos o presente na vida dessas crianças e desses adolescentes. E para que a gente seja esse presente, a gente trouxe esses folders, que alguns receberam, foram colocados nas cadeiras e tem lá fora, para que vocês olhem com carinho, conheçam e nos procurem. A gente fica na Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação, no primeiro andar; eu estou lá, as meninas fazem função dublê, porque elas são do acolhimento institucional. Então sejam esse presente. Vamos lá conversar, tirar as dúvidas, tirar os medos, voltar com os medos, mas vontade, desejo e compromisso de serem famílias acolhedoras. Muito obrigada”. A senhora Presidente disse: “Convidamos a todos os presentes a acompanharem, neste instante, a exibição de um vídeo institucional sobre o serviço Família Acolhedora, que ilustra os princípios, objetivos e a relevância dessa importante iniciativa”. Exibição do referido vídeo: “Este é o João, sua família está com problemas e não está conseguindo oferecer os cuidados e a proteção que ele precisa. Por isso o juiz determinou que, para a sua proteção, João deve ser temporariamente afastado de sua família e encaminhado para uma família acolhedora. Até pouco tempo, o município de João contava apenas com um abrigo institucional para acolher crianças e adolescentes nessas situações, mas recentemente foi implantado no município o Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora, que oferece um acolhimento bem mais adequado ao desenvolvimento das crianças. Mas, afinal, o que é o Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora ou SFA? O SFA é um serviço do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, que possibilita o cuidado temporário em casas de famílias acolhedoras para uma criança ou adolescente que, no momento, não pode permanecer em sua família de origem. Essas famílias são selecionadas e recebem formação para oferecer atenção adequada para cada criança e adolescente sob seus cuidados. A família de Ana e Francisco passou por todo esse processo antes de receber João em sua casa. Quando João chegou, toda a família estava preparada para recebê-lo e proporcionar a ele a segurança e o afeto de que ele necessitava nesse momento difícil de sua vida. Na casa de Ana e Francisco, João pode participar da rotina da família e acompanhá-la em passeios e atividades cotidianas, como ir ao mercado, caminhar pela vizinhança e brincar no parquinho próximo de casa. Para ajudar nos gastos com os cuidados com João, a família de Ana e Francisco recebeu um valor mensal na forma de bolsa-auxílio, além de outros benefícios estabelecidos na lei municipal que criou o serviço. Ser família acolhedora não é uma tarefa simples, por isso, durante todo o tempo em que João esteve em sua casa, a família de Ana e Francisco foi acompanhada pela equipe técnica do serviço, que ofereceu o suporte necessário para o desenrolar dos desafios e descobertas que ocorreram durante o acolhimento de João. Ao mesmo tempo,

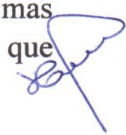


a equipe técnica acompanhou os familiares de João, trabalhando para que as dificuldades que levaram para o seu acolhimento fossem superadas e ele pudesse voltar para a sua família. Assim, depois de um tempo, João pode retornar para junto de seus familiares de forma segura e, hoje, vive feliz com sua família de origem. João se despediu de forma carinhosa de Ana e Francisco e guarda até hoje, no coração, a lembrança do tempo em que passou na família acolhedora e tudo o que aprendeu com eles. Um tempo depois que João voltou para a casa de sua família, Ana e Francisco acolheram outra criança, depois mais outra e seguiram assim por muitos anos, com sua casa e corações abertos para acolher crianças e adolescentes que estejam vivendo momentos difíceis em sua vida familiar. O retorno seguro para a família de origem é o que se busca para as crianças e adolescentes afastados do convívio familiar, mas nem sempre isso é possível. Nesses casos, a criança ou adolescente será encaminhada para uma família adotiva que esteja cadastrada junto à Vara da Infância e Juventude. É importante lembrar que a família acolhedora não vai adotar o acolhido, por isso as famílias cadastradas para adoção, ou que tenham um desejo de adotar, não podem ser famílias acolhedoras. Você já pensou em ser uma família acolhedora? Sua família pode fazer a diferença na vida de crianças e adolescentes. Às vezes, tudo o que uma criança precisa para atravessar um momento difícil é ser acolhida provisoriamente por outra família. Essa é a proposta do Serviço Família Acolhedora, transformar as dificuldades de hoje em possibilidades de futuro. Para saber mais sobre o Serviço Família Acolhedora acesse o site [www.familiaacolhedora.org.br](http://www.familiaacolhedora.org.br) ou vá até à Secretaria de Assistência Social do seu município. Família Acolhedora, a tempestade passa, a vida continua.” A senhora Presidente disse: “E já convidamos para assistir o segundo vídeo institucional, que é sobre o serviço da Família Acolhedora, que fala sobre a organização do serviço, apego, vínculo da família com a criança, adolescente, mostrando a relevância dessa iniciativa”. Exibição do vídeo citado: “Já sabemos que o serviço em acolhimento de Família Acolhedora organiza o acolhimento temporário de crianças e adolescentes em residências de famílias capacitadas para essa função. Mas quando se fala que o acolhimento é temporário, muitas pessoas se perguntam: ‘e se a criança ou família se apegarem a separação depois não vai ser pior?’. A resposta para essa questão é clara: Não! Não vai ser pior. Viver um vínculo afetivo estável e constante, mesmo que temporário, deixa uma marca positiva para o resto da vida da criança ou do adolescente. Nesse vídeo vamos entender melhor essa questão. Diversas pesquisas têm demonstrado que o afeto é tão importante para o desenvolvimento humano quanto a boa alimentação e o sono. Jhon Bowlby psicólogo e psiquiatra inglês, que desenvolveu a teoria do apego, explica que a experiência inicial de cuidado afetivo e estável é fundamental para que a criança desenvolva o sentimento de confiança nos outros e no mundo ao seu redor. Nos últimos anos, os avanços da neurociência demonstraram uma forte relação entre o desenvolvimento cerebral e o vínculo estabelecido entre o bebê e as pessoas que cuidam dele, e os efeitos nocivos da falta de afeto e cuidados adequados nessa etapa da vida. Como podemos ver, o vínculo não é o problema, o problema é a falta dele. E quando falamos no vínculo, no acolhimento familiar, é que o vínculo é diferente da posse. A família acolhedora funciona como uma ponte, uma parte da trajetória de algumas crianças, ou adolescentes, e de suas famílias, para facilitarem a passagem para o novo estágio, é um porto seguro em um momento de turbulência, oferecendo segurança, cuidado e disponibilidade afetiva, até que a tempestade passe. Quando a família acolhedora compreende o seu papel, o medo da separação se transforma em amor e alegria, por poder fazer a diferença na vida de cada



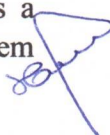


criança e adolescente que acolhe. E ao chegar ao momento da despedida, a criança e a família acolhedora não estarão sozinhos, ambos são acompanhados pelos psicólogos e assistentes sociais do serviço. Para que a saída da criança e saída do adolescente da saída acolhedora, ocorra de forma tranquila, sem atropelos e respeitando o tempo da criança, é importante que a equipe do FSA e a equipe da justiça tenham uma comunicação fluida e uma relação de parceria. O retorno para a família de origem, ou a ida para uma família adotiva, deve ser um processo gradual que possibilite a criança e/ou ao adolescente vivenciarem pouco a pouco as mudanças. Também é importante que a criança ou adolescente possa se despedir da família acolhedora e dos profissionais do FSA, de sua escola e de outras figuras importantes para ela no período de acolhimento. Os objetos que a criança ou adolescente traz, como: brinquedos, roupas e naninhas, também são fundamentais na transmissão. A confecção de um álbum contendo a história de vida e os hábitos da criança ou adolescente é um instrumento valioso, antes e durante o acolhimento, e pode facilitar a transição. E por fim, rituais de despedida e de chegada também são essenciais, pois marcar é fundamental e mostra que o período em que a criança ou adolescente ficou acolhida, ela foi amada, protegida e construiu vínculos de afeto. Para saber mais sobre o serviço família acolhedora, acesse o site [www.familiaacolhedora.org.br](http://www.familiaacolhedora.org.br), ou vá até Secretaria de Assistência Social do seu município. Família acolhedora, a tempestade passa, a família continua.” Atendendo convite da senhora Presidente fez uso da palavra, a senhora **Adeliana Coutinho**, Psicóloga do serviço Família Acolhedora e Acolhimento Institucional: “Olá, boa noite. Inicialmente, eu queria fazer a minha descrição: sou uma mulher alta, branca, cabelos pretos, lisos, estou com uma blusa e uma calça rosa, e uma sandália preta, estou de óculos, e eu estou realmente como técnica no serviço de acolhimento familiar, e como Kézia também mencionou também no acolhimento institucional há cinco anos e meio. Eu acho que realmente tenho propriedade para talvez, nesse momento, falar a importância de uma criança, de um adolescente, passar esse período, quando necessário, dentro de uma família, e não dentro de uma instituição coletiva, com mais outras dezenove crianças e/ou adolescentes, porque no acolhimento institucional podemos ter a cada momento de uma a vinte crianças e/ou adolescentes por vez. E quando a gente para pra pensar, como já foi falado, enfim, em todos os efeitos nocivos de fato ao desenvolvimento da criança e do adolescentes, que isso vai acarretar danos para o futuro, para vida adulta, estudo comprovam isso. Não estou tirando da minha cabeça, Kézia não está tirando da cabeça dela, Helena, de fato a gente consegue comprovar todos esses danos. E o nosso papel, enquanto sociedade, é também pensar nas nossas crianças e nos nossos adolescentes. Quando a gente fala de ECA, quando a gente fala o que o ECA trouxe para a gente, o Estatuto da Criança e do Adolescente, de fato enxergar a criança e o adolescente como um ser humano, como um ser de direitos, como um ser de deveres também, a gente fala muito também dos deveres das nossas crianças e dos adolescentes. Mais, principalmente, o nosso papel, enquanto sociedade, de enxergá-los e também de protegê-los. Então, o nosso papel, o meu, o seu, o nosso, enquanto sociedade, não necessariamente eu que estou nessa posição de técnica do serviço, não os legisladores, não o prefeito da cidade, não, absolutamente todos nós, enquanto sociedade civil. Então, também é nosso dever propagar o que o serviço de família acolhedora pode realmente trazer como benefícios, ao invés de um acolhimento institucional de ambiente coletivo. Como Helena falou no momento dela, a gente tenta realmente reduzir danos no acolhimento institucional, mas jamais conseguiremos trazer o mínimo, não vou dizer nem 10% (dez por cento) do que






aquela criança ou adolescente poderia ter de benefícios, de menos danos em uma família, mesmo que seja um lar temporário. Em todas as conversas que a gente tem, é incrível como surge a premissa, o medo, o receio, apego do vínculo: 'e quando for para devolver, eu não vou conseguir', 'eu não vou conseguir me afastar mais da criança'. E esse vídeo que a gente fala sobre o vínculo, o vínculo é importantíssimo, o principal da família acolhedora é exatamente esse vínculo. No acolhimento institucional a gente tem que dividir afeto, a gente tem que dividir afeto, a gente tem que dividir afeto por vinte. Então, nada é individual, tudo é coletivo. E quando a gente referencia essa criança ou adolescente dentro de uma família, nesse lar temporário, estamos realmente trazendo esse vínculo, esse apego, esse direcionamento de atenção individualizado, e, de fato, todo esse pertencimento da criança, enfim, é totalmente diferente quando a gente ver isso dividido por muitos, e a todo instante. Então, o vínculo, e o apego é importantíssimo, e ele vai ser trabalhado. Quando eu trouxe a questão de tópicos do papel da equipe técnica no serviço família acolhedora, eu trago dentro deles exatamente o tópico do acompanhamento contínuo. E esse acompanhamento contínuo também se diz respeito a esse processo de partida da criança do serviço, da família, da saída da família acolhedora para o lar permanente, seja o retorno à família originária, seja a inserção em uma família substituta, por exemplo, através da adoção. E a todo instante, a família acolhedora também irá fazer uma fala, no final, a gente tem esses momentos de formação, tanto inicialmente com a família, como durante todo esse percurso. Então, a gente se dispõe, sempre se coloca, inclusive, a se participar de consultas, por exemplo, tudo que a família não se sentir segura a fazer só. Então, a criança e adolescente não vai ser jogado dentro da família e, depois, de forma brusca, retirada; vai ter todo um trabalho de fato para esse acompanhamento e esse desligamento. Então, vai ser feito um trabalho que leva tempo, não é do dia para a noite, esse vínculo e esse apego é importantíssimo, e não tem porque ele ser rompido, se é positivo. Então, assim, eu vejo como uma preocupação nossa, do adulto, esse medo, porque a criança não tem esse medo, a criança não tem medo de se apegar, a criança não tem medo de se vincular. Esse medo é nosso, por construído uma vida inteira baseada na posse, como a gente viu no vídeo. A gente se senti como o outro seja nossa posse, que ele nos pertença. E até os filhos biológicos, todos devem ouvir a vida inteira, se não todos, muitos, que os pais criam os filhos para o mundo; os filhos são passarinhos, uma hora eles saem da gaiola. E quando a gente traz isso dentro do família acolhedora, a gente pensa muito no passarinho, ele perpassa. Então, qual a nossa dificuldade, enquanto adulta, é realmente deixar essa janela, essa porta aberta, para ele ir e voltar. E a gente quer prender ele dentro da nossa gaiola. Então, assim, além dessas questões de todo o acompanhamento, durante esse período em que a criança esteja acolhida, como também nesse processo de desligamento, a gente também, enquanto equipe técnica, realiza o diagnóstico e planejamento de todas as ações que envolvem a criança, a família originária e a família acolhedora. Então, o nosso papel não é unicamente com a família, ou com a família acolhedora, é também com essa família originária, que é o nosso carro chefe também. Esse tentado, até a última instância, esse retorno da criança à sua família originária, realmente chegar a uma situação em que essa família não consiga demonstrar todas as condições necessárias de volta, sem violar os direitos dela novamente, aí sim que se é pensado na questão dos encaminhamentos para uma família substituta, pra adoção. Enquanto equipe técnica também, realizamos articulação em rede, CRAS, CREA, rede de saúde também, CAPS, quando necessário, UBS e demais serviços, realizamos a captação, como até já ouvia falado, das famílias acolhedoras. Antes de acolherem, tem





um pré-requisito de participar de uma capacitação, de vinte horas, antes de estar habilitada para receber a criança ou adolescente, mas que durante todo esse período, serão realizadas formações, capacitações. E, de fato, essa questão da observação e reavaliação de todo caso, incluindo todos esses pontos, essas pessoas, que eu já falei. E eu queria novamente reforçar o que já foi falado, mas a gente estar aqui para realmente bater nesta tecla, estamos aqui hoje para sermos repetitivos no mesmo assunto, mas com o intuito de a gente absorver de fato. Quando a gente fala, inclusive, de aprendizagem, a gente precisa ver, ler, reler, ouvir, reouvir, para que aquilo o nosso cérebro internalize e gere aprendizagem. Então, é isso que estamos fazendo hoje. E queria que vocês, mas se vocês não puderem, se vocês verem que no momento não tem condições de ser de fato uma família acolhedora, mas que nós espaços que vocês ocupam, seja de trabalho, seja religioso, seja da família de vocês, todos os círculos que vocês perpassem, falem sobre o que é família acolhedora, que podem tanto procurar, literalmente google, como procurar no site da Prefeitura, como também nos procurar lá na sede da Secretaria de Desenvolvimento Social, e passar isso adiante. Então, muito obrigada. Estamos à disposição. Procurem, busquem e repassem todas essas informações. E obrigada pela presença de cada um”. Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra o senhor **José Luciano**, psicólogo do Tribunal de Justiça: “Uma boa noite. Como dito, o meu nome é Luciano Júnior, eu sou psicólogo aqui do Fórum de Patos, e venho aqui representar a 7ª Vara, em nome da nossa juíza, Joscileide Ferreira de Lira, bem como a equipe multidisciplinar, conhecido como NAPEN, formado por mim, psicólogo, uma colega pedagoga, e três colegas assistentes sociais. Nós atuamos aqui na Comarca de Patos e também em outras oito Comarcas, que formam a 3ª Circunscrição, e atendemos dezenas de municípios, muito da temática da infância e juventude. Gostaria de saudar as autoridades aqui presentes, todos os vereadores que aqui estão, e cada uma das pessoas que saiu de suas casas, no dia de hoje, para vir aqui, participar desta Audiência Pública, as pessoas que nos assistem por meio da internet, especialmente vocês, esse público, por ser esse público fundamental nessa temática, nesse quesito da família acolhedora. Muito já falado aqui a respeito desse tema, e eu venho aqui para complementar com algumas questões. Mas, antes disso, eu gostaria de parabenizar a Câmara de Vereadores aqui de Patos, pela iniciativa de realizar esta Audiência Pública, os vereadores demonstrando essa sensibilidade e essa preocupação com as crianças e adolescentes. Isso é uma conduta que se observa aqui na Casa Juvenal Lúcio de Sousa, nesta legislatura, e legislaturas anteriores. Inclusive, só fazendo menção, quando, em 2014, a Câmara de Vereadores instituiu a Semana Municipal da Adoção; quando em 2021, ela instituiu também a criação, por meio de lei, do Serviço Família Acolhedora. E hoje é mais um momento, mais um acontecimento importante, voltado aos direitos de crianças e adolescentes, especialmente as crianças e adolescentes que estão numa situação de maior vulnerabilidade, de maior risco, estão em uma situação de maior necessidade de atendimento, que, como já foi dito, nos casos onde a família não estar podendo, por uma série de fatores, que podem ser os mais diversos, cuidar dessa criança ou adolescente. E a justiça retira temporariamente da família, e encaminha para uma instituição, que poderia ser um encaminhamento institucional, ou uma família acolhedora. E neste sentido, a família acolhedora só existe, e é por isso que é tão importante a presença e participação de cada um de vocês, graças a adesão voluntária da sociedade, das pessoas, das famílias, em receber uma criança ou adolescente nessas circunstâncias, que está temporariamente sem sua mãe, sem seu pai, sem um familiar, para poder prestar os cuidados necessários, temporariamente, até que






venha para uma adoção ou sejam devolvidas para sua família. Eu gostaria de destacar aqui que a família acolhedora vem numa proposta de vanguarda, ela está à frente tanto no reconhecimento no Brasil e em outros países, enquanto modalidade de serviço de proteção, com melhor potencial para atender os direitos de crianças e adolescentes, e proporcionar também uma proteção. Então é um serviço de vanguarda. E por quê? Por melhor que seja uma instituição de acolhimento, ela nunca será igual a uma família. Por melhor que seja a estrutura de uma instituição de acolhimentos profissionais, e olha que nós temos aqui em Patos um acolhimento, a gente acompanha os profissionais, sabe da dedicação deles, mas nunca é igual a uma família. Por quê? Porque tem rotatividade de profissionais, porque o vínculo é um vínculo de trabalho, que encerra ali, porque existe o compartilhamento também das demandas, das necessidades, como a minha colega Deliana, que me antecedeu falou, por vezes a instituição tem uma criança, por vezes a instituição por ter vinte crianças. É importante que vocês que nos ouvem e que nos assistem, possam refletir, possam se sensibilizar e, caso tenham o interesse, venham aderir ao serviço de família acolhedora, ou mesmo divulgar para um vizinho, divulgar para uma pessoa da comunidade, para outro familiar, que caso venha ter interesse, possa estar participando. Só, ressaltando a importância desta Audiência Pública, porque ela é tão importante? Numa avaliação da situação dos acolhidos no Brasil, a partir do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento, que é um sistema que reúne, que lista todas as crianças e adolescentes que estão acolhidas no país inteiro, constata-se atualmente que apenas 6,5% (seis vírgula cinco por cento) destas crianças e adolescentes estão em uma família acolhedora. As outras 93,05% (noventa e três vírgulas cinco por cento), que é quase a totalidade, ou melhor, um número muito grande, estão em uma instituição de acolhimento. Então, quando se vai ver, um dos principais fatores que vem dificultando essa inserção em famílias acolhedoras, em uma família dessas crianças e adolescentes foram retiradas da sua família de origem, temporariamente, é a questão da divulgação. Eu queria trazer aqui também, só para concluir, vantagens do acolhimento familiar para criança ou adolescente, e também para quem participa do serviço, para quem participa do programa. Dentre as vantagens para as crianças e adolescentes, proporcionar um ambiente de afeto, cuidado e proteção para quem está lidando com a criança e adolescente em um momento tão difícil da sua vida; ser retirado da sua família não é fácil, e para uma criança e um adolescente é mais difícil ainda. Também o serviço proporciona estabilidade nas relações no ambiente familiar, que é diferente de estar numa instituição, tem aquela instabilidade daquelas pessoas que estão cuidando, e a gente reconhece que o ambiente familiar saudável é fundamental para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Dentre outros fatores favoráveis, favorece a convivência familiar e comunitária; formação de vínculos mais fortes; sentimentos de proteção da própria criança ou adolescente; maior bem-estar e sentimento de pertencimento. Inclusive, reduz até o risco de discriminação e preconceito social, porque, infelizmente, às vezes, a criança ou adolescente que está na instituição, acaba passando por uma situação de preconceito de estigma quando chega na escola: 'Olha, aquela criancinha é de acolhimento, meu coleguinha é do acolhimento', já visto infelizmente de uma forma diferenciada. E quando está numa família, esse risco é diminuído. Mas o serviço de família acolhedora não é só bom para crianças e adolescentes, é bom para a sociedade como um todo. E neste sentido, a gente traz aqui vantagens também para quem resolve participar da família acolhedora. E que vantagens são essas? Novas experiências de vida. Daqui a pouco a gente vai ter um relato de uma pessoa que está com uma criança na condição de família acolhedora, e ela



vai falar um pouquinho da experiência que está tendo, e o quanto está sendo enriquecedor. Outras vantagens: crescimento pessoal e familiar, decorrentes de trocas de afeto; a relação das pessoas com a criança e com o adolescente é sempre uma relação carregada de afeto. E por fim, eu trago como outra vantagem para quem participa desse projeto família acolhedora, sentimento de poder propiciar boas experiências para uma criança ou adolescente. Para concluir, eu só queria deixar a seguinte mensagem: nós somos seres sociais, nós nos constituímos a partir das experiências com os outros e com o mundo em nossa volta. E faço o convite para que cada um de vocês se abra a essa possibilidade de se inscrever na família acolhedora e viver essas novas e boas experiências. Muito obrigado". A senhora Presidente apresentou o terceiro vídeo a ser exibido: "Já sabemos que o serviço de acolhimento em família acolhedora organiza e acompanha o acolhimento temporário de crianças e adolescentes em residências de famílias selecionadas e capacitadas, mas sempre surgem algumas perguntas, como por exemplo: a família acolhedora é uma casa lar, um tipo de abrigo? Ser família acolhedora é o mesmo que adotar uma criança? Para tirar essas dúvidas vamos falar um pouco sobre a diferença entre o serviço entre família acolhedora, o acolhimento institucional e a adoção. Quando para a sua proteção uma criança ou adolescente precisar ser temporariamente afastado de sua família, o juiz pode encaminhá-lo para o serviço de família acolhedora ou para um acolhimento institucional. Enquanto na família acolhedora a criança ou o adolescente é acolhido na casa de uma família, que acolhe uma criança por vez, no acolhimento institucional a criança ou adolescente passa a morar em uma instituição, que pode ser um abrigo ou uma casa lar, que acolhe entre dez e vinte crianças e adolescentes. Por mais qualificada que seja a instituição, a rotatividade de funcionários, o revezamento em turnos e trabalho e a rotina adotada para o acolhimento coletivo, dificultam a continuidade dos cuidados, a estabilidade dos vínculos afetivos e convivência comunitária. Na família acolhedora, por outro lado, a criança e adolescente é inserido na rotina de uma família e tem sempre os mesmos adultos oferecendo-lhes afeto e cuidado. Isso possibilita atenção individualizada e estabelecimento de vínculos afetivos e de relações estáveis essenciais para o processo de desenvolvimento saudável. E também propicia a convivência familiar e comunitária, possibilitando a participação da criança ou adolescente nas atividades cotidianas de uma família, como: preparar o café da manhã, ir ao mercado e brincar na pracinha com os vizinhos. Agora vamos entender como o serviço de acolhimento em família acolhedora se diferencia da adoção. Ser família acolhedora é realizar um trabalho social com começo, meio e fim. No SFA a família acolhedora exerce uma função de cuidado temporário, que está inserida numa política pública e permite que ela atue como corresponsável na proteção das crianças e adolescentes que acolhe. Já a adoção é para a vida toda, pois a criança ou adolescente se torna filho dos pais por adoção. Na adoção o vínculo com a família de origem é rompido definitivamente. Para que a adoção possa ocorrer é necessário a destituição do poder familiar. Já no SFA, exceto de caso de proibição judicial, o vínculo com a família de origem é preservado, e se busca o retorno da criança o adolescente para a sua família. Por fim, é importante lembrar que famílias candidatas a adoção ou que manifestem desejo de adotar, não podem ser famílias acolhedoras. Para saber mais sobre o serviço de família acolhedora, acesse o site [www.familiaacolhedora.org.br](http://www.familiaacolhedora.org.br), ou vá até a Secretaria de Ação Social do seu município. Família Acolhedora, a tempestade passa, a vida continua." Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra a **Vereadora Brenna Victória Leonardo Ferreira Nóbrega**: "Senhora Presidente, colegas Vereadores, Dr. Kaio, Promotor de Justiça,



representante da Vara da Infância e Juventude, professora Clídia, em nome qual eu gostaria de saudar todos os presentes no auditório, a minha assessora Priscila, a grande Lucinha, que foi vereadora nestas Casa, que está nos representando. Lucinha, você é uma inspiração para mim, enquanto mulher, enquanto vereadora. Olhar para você é ver que no seu tempo você já abriu portas para que outras mulheres estivessem aqui hoje, representando a população patoense. Estou muito feliz de tê-la aqui hoje. Secretária Helena Wanderley, a qual já quero deixar os meus parabéns, por toda gestão que vem fazendo para todas as famílias patoenses; uma gestão comprometida, respeitosa e, acima de tudo, sensível. Hoje faço uso desta tribuna para falarmos sobre um tema que toca profundamente o coração e revela o verdadeiro sentido da palavra acolher, o Programa Família Acolhedora. Como estou feliz de ter tantas representações aqui neste plenário, a exemplo da polícia, da educação, da minha amiga, diretora Edilene, que está aqui representando, os psicólogos, os servidores da Secretaria de Desenvolvimento Humano, Dra. Késia, que coordena o projeto. O acolhimento familiar é, antes de tudo, um ato de amor e humanidade, ele representa a oportunidade de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade viverem em um lar cheio de carinho, cuidado e afeto, enquanto aguardam o retorno à sua família de origem ou uma nova chance de recomeço. Sabemos que nenhuma instituição, por melhor estruturada que seja, substitui o calor e o afeto de um lar. Por isso o Programa Família Acolhedora é uma política pública essencial que precisa ser valorizada, fortalecida e ampliada. Ela demonstra que o cuidado com nossas crianças é uma responsabilidade coletiva do Estado, das instituições e, sobretudo, da sociedade. E é com grande admiração que nesta noite presto uma homenagem especial à Vereadora Nadir, que além de sua dedicação à vida pública, é também família acolhedora. Hoje esta Audiência se torna mais profunda, mais complexa, porque nós vereadores, e aqui falo em nome de todos, da colega Lúcia, da colega Fatinha, do colega Jônatas, Tide, Nadir, Samuel, porque se não fosse o exemplo que a Vereadora Nadir nos trouxe, a gente tem a oportunidade de participar. A criança vem aqui para este plenário, vem aqui assistir às sessões, acompanha. Então, seria diferente vocês estarem falando em um assunto que a gente fosse alheia, mas nós temos a oportunidade, aqui nesta Casa, de saber de perto do que vocês estão falando, porque a gente vive isso, através do exemplo que a Vereadora Nadir nos apresentou a importância de ser família acolhedora, não é, dona Nazaré, que está aqui, e é o braço direito de nossa amiga. Nadir, seu gesto é um exemplo vivo de amor, generosidade e compromisso com o próximo. Ao abrir as portas da sua casa e do seu coração para acolher uma criança, você mostra que a política pode ser feita com afeto, empatia e exemplo. A senhora representa para muitas pessoas a esperança de que é possível transformar o mundo com pequenas grandes ações. O seu gesto inspira outras famílias e fortalece o sentimento de solidariedade que tanto precisamos cultivar. Eu tenho um filho de dois anos, certa vez eu precisei levá-lo no Hospital Infantil, e lá conversando com algumas colegas, eu disse: antes de vir para cá eu liguei para Nadir, ela disse isso e isso, falei da questão da medicação do meu filho. E duas colegas médicas disseram: ‘em falar de Nadir, você já viu como está aquela criança? Ela vivia aqui no Hospital Infantil, hoje a criança é outra. Quando eu cheguei na Sessão, eu disse, “Vereadora, hoje a médica Dra. Camila Campos estava lá, dizendo o quanto ela é testemunha do seu cuidado, porque ela já presenciou a criança vulnerável, naquele hospital, precisando de cuidados, e percebe o quanto você fez a diferença na vida dele’. Que possamos a partir de seu exemplo, defender e ampliar as políticas de acolhimento familiar, garantindo que mais crianças tenham a oportunidade de crescer cercadas de amor, segurança e dignidade. Deixo aqui o

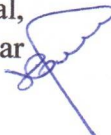




meu respeito, a minha admiração e o meu reconhecimento a Vereadora Nadir e a todas as famílias acolhedoras, que, com gestos simples, realizam um trabalho extraordinário, porque acolher é mais do que receber, é cuidar, amar e acreditar no futuro. Dr. Kaio, enquanto os vídeos passavam e quando falavam das despedidas das famílias, eu já ficava imaginando como seria também a gente se despedir. Então, antes de tudo, Nadir, você é uma corajosa, mas foi porque Deus plantou no teu coração essa coragem de fazer a diferença na vida da criança. E essa coragem inspira tantas e tantas outras. Eu cansei de estar em lugares com a Vereadora Nadir, e chegar nossa conhecida Joana do bilhetão, que é uma senhora, para quem não conhece, que vende doces. Joana chega e diz: ‘Nadir, você já ensinou as vereadoras que é para se inscrever na família acolhedora? Vocês têm que seguir o exemplo dela’. E eu digo: ela já está nos ensinando, e aos poucos vai brotando a coragem em nosso coração, porque como diz Guimarães Rosas: ‘O que a vida quer da gente é coragem’, e você tem de sobra, eu admiro você demais. Muito obrigada a todos”. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Jônatas Kaiky de Oliveira Santana**: “Senhora Presidente, boa noite. Eu gostaria de pedir licença a Vossa Excelência para poder cumprimentar todos os vereadores e vereadoras aqui presentes, em nome da querida Vereadora Nadigerlane, que é mãe acolhedora. Cumprimentar o Promotor Dr. Kaio Rodolfo, a grande secretária de Assistência Social Helena Wanderley, que eu digo senhora Presidente, que Patos não é a capital da primeira infância apenas no nome, e, sim, na prática, porque essa grande secretária Helena Wanderley tem cada vez mais revolucionado as crianças e adolescentes do nosso município, E eu queria pedir uma salva de palmas para o grande trabalho que é feito através desta secretária. Saudar a todos os que estão no plenário Dona Milindra, em nome da ex-vereadora Lucinha Peixoto e tantos amigos: Dra. Samara, Samyr, minha amiga Brenda; toda imprensa, em nome do meu amigo Mário Frade. Dizer que é uma alegria estarmos participando desta Audiência Pública, nesta noite, para tratarmos de um tema tão importante que são os serviços das famílias acolhedoras. Falamos hoje de um gesto de amor, que vai além de palavras, são famílias que abrem suas portas e seus corações para acolher temporariamente crianças e adolescentes que, por decisão judicial, precisam ser afastadas do convívio social. Essas famílias oferecem mais do que um abrigo, oferecem cuidado, atenção e oferecem afeto. Proporcionam a essas crianças a possibilidade de continuar crescendo em um ambiente familiar, mesmo com as dificuldades que a vida lhe impôs. Mas acolhimento familiar não é apenas um ato individual de bondade, ele também uma política pública essencial de proteção à infância e adolescência prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, e que deve ser fortalecida por nós, agentes do poder público, das instituições e de todo a sociedade. E é nosso dever, como representantes do povo, criar cada vez mais condições para que famílias possam participar desses serviços, garantido acompanhamento, formação e reconhecimento a quem dedica essa vida a cuidar do outro. E como eu falei, senhora Presidente, no começo do meu discurso, nós temos que deixar um destaque muito especial pra Vereadora Nadir que, além de sua vida pública, é uma defensora nata, que a cidade de Patos conhece o seu trabalho em proteção da criança e do adolescente, é também uma mãe acolhedora. E é por isso, Nadir, que você nos representa, você honra todos os vereadores da Casa Legislativa. E dizer que nós temos orgulho em saber que esse grande exemplo, nós podemos dizer que nós temos aqui na Câmara Municipal de Patos, e eu quero aqui lhe parabenizar. Dizer, Presidente, de que é uma dedicação diária que nos inspira. E eu queria finalizar o meu discurso na tribuna, como disse Madre Tereza de Calcutá: ‘O que fazemos é apenas uma gota no oceano, mas o

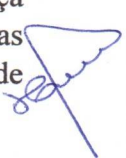


oceano seria menor se lhe faltasse essa gota'. E é essa gota de amor que transforma vidas, que dar sentido ao nosso trabalho e que torna o mundo um lugar mais humano. No mais, dizer que vocês sejam sempre bem-vindos a esta Casa Legislativa, que possam sempre contar com esses vereadores amigos, parceiros, para que possamos estar aqui trabalhando e defendendo pautas tão importantes, como essas, que são os serviços das famílias acolhedoras. Muito Obrigado e que Deus nos abençoe". Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra **Dr. Kaio Rodolfo**, Promotor de Justiça: "Boa noite a todos. Em nome da Senhora Valtide Paulino Santos, cumprimento a todos os demais vereadores, em nome da Dra. Nadir também. Cumprimento os demais representantes aqui do Conselho de Tutelar, da Segurança Pública, a senhora Helena Wanderley, da Secretaria, a senhora Késia, todos aqui. Obrigado pela presença. Já começo me apresentando, eu sou Promotor de Justiça, substituto do segundo cargo de Patos, que é o cargo da Infância e Juventude, que tem a função na proteção da criança e adolescente. Agradeço também a Câmara por ter realizado a solicitação do Ministério Público de ter colocado essa data pra debate do serviço de família acolhedora. O serviço de família acolhedora é objeto de um procedimento administrativo do Ministério Público, no qual se busca entender a baixa adesão. A gente tem uma família cadastrada, que é a família da Nadir, em Patos, e procura fomentar esta adesão, que a população participe, que a sociedade participe, e, por meio de debates, trazendo discussões, ideias novas. As palavras de todo mundo foram muitas boas, todo mundo colocou a experiência prática, são pessoas altamente qualificadas, conceituadas, explicaram o que é. Então, aqui a meta do Ministério Público, nosso procedimento, é por meio de estudos, que dar pra chegar até seis famílias acolhedora em curto prazo. Então, a gente tem que fomentar, tem que trabalhar esse serviço. Hoje o principal obstáculo é a inexistência de família que esteja cadastrado. E se o obstáculo é a perda do vínculo, é trabalhar conforme foi estabelecido aqui pelos psicólogos: dar mais palestras, trazer a população pra entender, que como dito, o vínculo é mais doloroso para o adulto, não pra criança. Pra criança, há necessidade desse vínculo, ela não vai sofrer essa perda desse vínculo. O acolhimento familiar está previsto no ECA, que defina o acolhimento familiar como preferencial ao acolhimento institucional. Isso não é uma sugestão, não é uma questão, é lei, é uma determinação legal. Hoje o que é que se tem? A criança é acolhida emergencialmente, acolhida por uma determinação judicial, ela é colocada em acolhimento institucional. Então, por mais que a gente tenha a lei, a lei não é cumprida. A gente, aqui em Patos, que sirva de exemplo pra outras cidades, e começamos então a fomentar a participação da sociedade. Os colegas já trouxeram aqui os benefícios do acolhimento familiar, que é o afeto individualizado, a estabilidade, a rotina, um desenvolvimento integral, a desconstrução de estigma, como falado. A criança e o acolhimento familiar, é uma criança que está com uma família na sociedade, não é uma criança do abrigo, da casa lar. E isso pra criança traz uma estima muito grande pra ser olhada como igual pela outra criança. Temos aqui a história da Nadir, o processo é sigiloso, mas o caso é público, todos que conhecem o caso, quem conhece o processo, ler chorando. Porque é uma criança vítima de abandono, e que passou inúmeros meses da vida em situação hospitalar, praticamente. E a partir do momento que ele foi pra o acolhimento familiar, ela começou a ter hospital como uma criança normal, não mais ameaçador. Eu até peguei aqui a fala do Naipem no processo, no qual a psicóloga aponta que uma há melhora significativa na criança e surpreendente, após a sua ida para família acolhedora. Houve ausência das reincidências hospitalares, uma estabilidade emocional, uma alegria nos gestos, segurança no olhar da criança. Tudo isso por causa de um lar



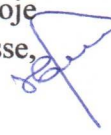


afetuoso. Então esse é o maior exemplo que a gente tem, e a gente tem que fomentar, tem que multiplicar. O bebê, que hoje se encontra com a Nadir, é a prova que não é apenas um serviço público à família acolhedora, e sim é uma chance da criança. Se essa criança estivesse institucionalizada ainda, provavelmente ainda estaria em situação de internação hospitalar recorrente. Eu estou na Câmara de Vereadores, então a Lei Municipal, eu tenho que parabenizar, é uma lei excelente, é uma lei moderna, é uma lei de vanguarda, mas eu acredito que tem melhorias. Então, sugeri que, entre em debate aqui na Câmara, porque a gente tem que entender, por que não estão se cadastrando, se todo mundo demonstra que é bom pra criança? É questão financeira? Eu dei uma olhada em outras leis e, por exemplo, a lei de Calçaia, no Ceará, a lei de Porto Alegre, a lei de Japorã, no Mato Grosso do Sul, são leis municipais que concedem uma isenção total ou proporcional do IPTU pra família acolhedora. Então é uma possibilidade de inclusão na lei, e isso daí não é um alívio fiscal pra família acolhedora, mas é o reconhecimento formal do Poder Legislativo do serviço que essa família vem prestar. Também vi que a lei patoense já tem estabelecido uma bolsa e também em casos de complexidade, ela traz um aumento de 50% (cinquenta por cento). Mas numa comparação com a lei de Cascável, do Paraná, essa bolsa não tem um limite, ela é escalonada, pra que crianças e adolescentes que tenham uma maior complexidade possam receber um maior valor, pra que o ônus que a família enfrente seja recompensado com o valor financeiro com o que ela ganhe, do gasto com a criança e com o adolescente. Também a lei aqui estabelece que a criança e adolescente vai estar na família acolhedora até dezoito anos. Há uma sugestão, o próprio ECA estabelece que em casos excepcionais, é colocado até o jovem de dezoito à vinte e um. Poderia se incluir na lei que o acolhido na família acolhedora continuasse dos dezoitos aos vinte e um anos, em situações excepcionais, porque é um momento que o jovem se encontra com dezoito anos, ele se encontra acolhido e, de repente, é um momento de formação importante, e ele pode estar continuando com essa família até vinte e um anos, essa família recebendo a bolsa auxílio, ajudando-o nos estudos. Então são sugestões, doutora. Também eu dei uma olhada em outras leis, e não encontrei uma lei, mas encontrei estudos e projetos em que também se beneficiam a família extensa, em que há proibição na lei de Patos, da família extensa ser acolhedora, mas que a família extensa receba um benefício, uma bolsa também, quando em serviço do acolhimento, e também receba os órgãos de proteção, a rede de proteção. A experiência demonstra que muitas vezes a família extensa não quer ficar com a criança, com o adolescente pela responsabilidade, muitas vezes pelo custo. Então se tem uma previsão que a família extensa vai ser incluída, temporariamente, numa bolsa e vai ser incluída também na rede de proteção, pode ser que a família extensa também seja um braço da família acolhedora, e também por que não? A família acolhedora é lei, ela é uma imposição legal preferencial ao acolhimento institucional, porque não a criação do dia da família acolhedora? Que nos obrigaria vim aqui, anualmente, debater sobre a família acolhedora, ver qual que são as possibilidades, olhar se estão evoluindo. Assim como tem a Semana da Adoção, poderíamos ter o Dia da Família Acolhedora. E também quem sabe, numa próxima, não ter só um caso de sucesso. Porque a gente tem um caso, e esse caso é de sucesso. Que tenham mais gente, aqui, contar os seus casos, e sejam multiplicadores. Já concluindo, que cada um daqui, se não puder se cadastrar, se não puder participar, mas pelo menos entregue o folheto pra alguém, converse em seus locais de trabalho sobre o fato da família acolhedora, tente se inteirar, contar pra um amigo, pra que a gente faça uma corrente do bem pra que mais pessoas estejam cadastrados pra receber essas crianças e adolescentes. Hoje temos dezessete crianças e adolescentes acolhidos aqui na cidade de



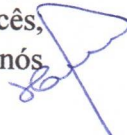


Patos, tem espaço pra família acolhedora está recebendo essas crianças. Então, eu concludo, agradeço. O Ministério Público agradece a disponibilidade desta Audiência. E também reafirmo aqui que o Ministério Público vai estar atento, vamos tentar trabalhar juntos pra fomentar essa participação da sociedade, esse cadastro no serviço da família acolhedora. Obrigado". Atendendo convite da senhora Presidente, fez uso da palavra a **Vereadora Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes**: "Boa Noite a todos. Antes de iniciar a minha fala e os meus cumprimentos, solicito a Ademar, que por gentileza, passar um vídeo, onde a gente tem uma mensagem da pessoa mais importante desse momento". Exibição do vídeo: "Minha cor, minha flor, minha cara. Quarta estrela, letras três, uma estrada. Não sei se o mundo é bom, mas ele ficou melhor quando você chegou e perguntou: Tem lugar pra mim? Espatódia, gineceu, flor de polém, sol do dia, nuvem branca sem sardas. Não sei quando o mundo é bom, mas está melhor, desde que você chegou". Após a exibição do vídeo, a Oradora prosseguiu com o seu pronunciamento, dizendo: "Eu quero inicialmente cumprimentar a Presidente desta Casa, Vereadora Tide Eduardo, e na sua pessoa a todos os parlamentares. Cumprimentar o Ministério Público, na pessoa de Dr. Kaio, esse jovem Promotor que já chega em nossa cidade fazendo a diferença. Seja bem-vindo, Dr. Kaio! É uma felicidade muito grande para nós, enquanto família acolhedora, ver que o senhor, através de um ofício, nos proporcionou, juntamente à presidente Tide, viver esse momento. Muito Obrigada. Quero cumprimentar aqui as autoridades militares que se encontram, na pessoa do Tenente Neilton. Cumprimentar a todo Poder Executivo, na pessoa de Helena Wanderley, essa mulher que, em nossa cidade, tem inscrito todos os dias uma história diferente na vida de nossas crianças e adolescentes, juntamente ao nosso Prefeito Nabor, que não pôde estar aqui, e está representado por ela, juntamente a toda equipe da rede de proteção à criança, e aqui eu cumprimento Késia, Coordenadora do Entrelaços. Cumprimento Antônia, Adeliane, cumprimento Ana Rita e cumprimento Letícia, que está ali, essa mulher que me acolheu tão bem quando eu iniciei a minha história no acolhimento infantil, enquanto madrinha. Cumprimentar também o Napem, Dra. Jaira, Luciano, e aqui mandar um abraço pra Dra. Joscileide. E agradecer a vocês por todo esse apoio que vocês dão as nossas crianças e adolescentes. Muito Obrigada. De forma muito especial aqui, cumprimentar a minha família, o meu esposo Junior, que se encontra aqui. Agradecer a ele, eu conversava com ele e dizia que quem iria nos representar aqui esta noite, nesse plenário, seria minha mãe. Mãe fique em pé, para as pessoas lhe verem. Essa grande mulher, que plantou em mim esse desejo de servir, esse compromisso para com as crianças e adolescentes, sendo, para mim, um exemplo. Então aqui, diante de todos, eu quero cumprimentar minha mãe e agradecer a ela por me oportunizar viver esse momento tão especial. Sem a minha mãe, eu não conseguiria, tenho certeza disso. Muito Obrigada, minha mãe, a senhora é a minha maior referência. Quero cumprimentar aqui a Jovelina, minha irmã de coração, que está aqui; Matheus não está aqui. E quando eu cumprimento essas pessoas é porque eu quero que fique claro aqui que o que está acontecendo conosco não é um trabalho feito apenas por mim, ou um compromisso apenas meu. Eu sentia o desejo, enquanto pessoa, não pessoa pública, mas enquanto ser humano, sociedade, em me cadastrar na família acolhedora. Fui muito bem abraçada por Helena. Quando eu mandei a mensagem pra Helena, ela ficou tão feliz, que eu fiquei mais feliz ainda, porque é muito bom quando as pessoas acreditam em você. Helena não me viu como uma vereadora. Eu não tinha interesse nenhum em publicizar essa situação. A gente está hoje discutindo esse assunto por uma provocação do Ministério Público, mas o nosso interesse,






Dr. Kaio, era ação, é fazer a diferença na vida de quem precisa, que são nossas crianças e adolescentes. Então, Helena me abraçou, Késia me abraçou muito bem, Antônio. E essa força que vocês me deram, Dra. Jaira, que foi a primeira pessoa quando eu procurei para ser cadastrada no apadrinhamento, essa confiança, e aqui eu recordo Dr. Bruno, foi quem me fez entender que eu podia. Então me cadastrei, em seguida, a gente passou por uma capacitação, como já foi dito aqui, mostrando o que era a família acolhedora. E enquanto legisladora, conhecendo a lei, eu me vi que poderia. E quando essa criança chegou para nós, quando a equipe me ligava, dizendo que estava precisando, quando família acolhedora acolhesse a primeira família de Patos, a primeira criança, foi num momento muito delicado de nossas vidas, foi exatamente no dia que a Justiça Eleitoral liberou pra que a gente pudesse sair em campanha pedindo voto, e eu disse: meu Deus, e eu era candidata à reeleição. Eu precisava dispor de muito tempo para visitar as famílias. E eu fiquei louca e eu disse: Késia, Helena, mas a gente vai começar uma campanha política, vou está sobrecarregada. E ela disse: 'Nadir, a gente precisa de você, a criança que está chegando tem uma história muito delicada, e no seu cadastro, está na idade que você colocou lá, e a gente precisa de você'. Essa criança tem vários internamentos, uma história de saúde muito delicada, como Dr. Kaio falou aqui. O processo é um segredo, mas a gente pode somente citar a delicadeza da situação. E eu disse: Helena, me dê um tempo pra pensar. Júnior ficou apavorado, com medo. E eu quero falar sobre o medo pra vocês, que o medo, infelizmente, é a coisa que mais dificulta as pessoas de viverem esse momento. E eu perguntei: como é o nome da criança. Eu não vou revelar pra vocês aqui, mas quanto elas me disseram, eu fiquei assim, e eu disse: Meu Deus, como o Senhor faz isso comigo? Eu vou realizar o meu sonho de acolher uma criança e, de repente, o Senhor me traz com um nome tão forte. Toda criança tem o nome forte, mas essa tinha uma mensagem, onde Deus dizia o seguinte: 'Você precisa abrir portas para outras famílias, você precisa abrir portas para essa criança'. E eu liguei pra minha mãe, reuni meus irmãos, Jovelina, que é afilhada da minha mãe, mas é criada como filha, porque perdeu sua mãe muito jovem. Liguei pra meu irmão Mateus, que foi a primeira criança que minha mãe adotou, e reuni todos eles, e disse: eu estou num momento delicado, mas eu preciso de vocês. Mãe, da mesma forma que a senhora me deu um sim, quando a senhora engravidou com dezessete anos, não foi isso mãe, eu quero que a senhora, juntamente comigo, a gente vai dá um sim a essa criança. Com uma diferença, a senhora era sozinha, numa cidade pequena, onde a senhora estava discriminada, mas a senhora me deu um sim, e a senhora sabe que hoje eu posso fazer a diferença na vida de muita gente nesta cidade. Então, eu quero dar um sim a essa criança, e eu preciso da senhora. Minha mãe, junto com os meus irmãos, disse: 'Minha filha, a gente está pronto'. Eu não quero fugir da minha responsabilidade, eu não vou fugir. E está aí minha mãe que sabe, eu não fujo da minha responsabilidade. Fui eu que decide ser família acolhedora, então sou eu que durmo, todas as noites, com meu bebê, que acolho, cheirando a cabeça dele; sou eu pra quem ele corre, quando ele se acorda, as vezes que deixa ele no quatinho, ele se acorda sozinho, começa a chorar, e eu abro aporta, olho no olho dele, e digo: eu prometi você nunca mais ficava só, então eu estou aqui você. Então, minha mãe uniu forças aos meus irmãos, a gente acolheu essa criança. E eu digo a vocês, minha gente, quando eu passei esse vídeo pra vocês, é porque eu quero muito, assim como doutor Kaio, que teve a sensibilidade de chamar a atenção da sociedade sobre essa causa, eu quero muito que vocês saiam daqui, hoje, sensibilizados. Nós, rede de proteção à criança e adolescentes, precisamos de vocês, precisamos de cada um de vocês, precisamos que vocês entendam que, por mais que nós,





tenhamos Samyr, um acolhimento em nossa cidade, uma instituição, e aqui eu deixo o meu respeito a instituição de acolhimento infantil, da qual eu sou madrinha, apesar dente último anos que estou aqui acolhendo, não é, Antônia, não ter me dedicado como sempre me dediquei, mas estar aqui Antônia, que sabe, a noite natal das nossas crianças é na minha casa. E eu não quero outra data, eu quero a noite de Natal, não é isso, Helena? É uma festa na minha casa, e pode me convidar pra o que for, eu não abro mão, a noite de natal é com as nossas crianças, porque Natal representa sonho, esperança, amor. E eu preciso que elas sintam esse amor comigo, e por isso que eu tenho muita felicidade de ser madrinha de acolhimento infantil. Então, a gente tem vivido esse momento, mas nós temos um problema muito grande, infelizmente, a sociedade ainda não despertou, doutor Kaio, para a emergência. A causa da criança e adolescente é uma emergência, todos os dias nós temos adolescentes que estão engravidando, eu tenho certeza que a mãe do bebê que nós estamos acolhendo, mãe, é uma vítima, ela é uma vítima. Têm pessoas que dizem a mim: 'você não se incomoda de passar noites acordadas?'. Eu passo noites acordada com o meu bebê, ainda ontem eu passei uma, ele tossiu a noite toda, porque, infelizmente, o período é propício pra isso. 'Você não se incomoda de passar noites acordadas, e a mãe desse menino está aonde? A mãe desse menino merecia uma família acolhedora igual ele tem, ela merecia ser cuidada. Infelizmente ela foi vítima, ela foi uma mulher que não teve um lar que a acolheu e que a educou. Então o problema da sociedade, e me permitam dizer, é apontar, é apontar, porque fulano usa droga, porque fulano se prostituiu, porque fulano', mas não diz: 'o que eu posso fazer pra contribuir? O que eu posso fazer pra melhorar?'. Minha gente, não é dizer não, é prestar contas. Eu nunca imaginei na minha vida que a gente fosse viver esse momento aqui, Helena. Não era a minha intenção, e eu nem vinha pra esta Audiência, porque eu tinha plantão hoje à noite, mas quando eu falei com Késia, ela disse: 'Nadir, você precisa ir. Eu não quero que as pessoas saibam, 'a Vereadora Nadir é boazinha'. Eu não sou boazinha, eu tenho um compromisso enquanto pessoa e enquanto sociedade, e eu honro esse compromisso, por quê? Porque têm pessoas que precisam de nós, tem crianças que são vítimas, tem crianças que vão dormir e são órfãos de pais vivos, crianças que não recebe um abraço, minha gente. O nosso bebê, hoje, sabe qual é a maior dificuldade que tem? É o tanto de abraço que ele recebe no dia, cada um quer dar o maior abraço, o maior cheiro, dizer que ama, não é Jovelina? Lá todo mundo tem uma função, Jovelina é responsável por cortar os cabelos, não é Jovelina? Por levar pra cortar os cabelos, levar para o parque, e o menino passa a noite tossido, como foi ontem, depois eu converso com ela. Então, assim, todo mundo tem uma função, e todo mundo faz isso com muito amor. E eu digo muito, essa semana eu dizia, o meu sonho era ter esta casa tão grande, que Deus me deu e honrou, eu que morei de baixo de uma árvore, na minha infância, não é mãe? E Deus me deu uma casa tão grande, que não acolher só uma criança, mas várias crianças, porque eu me sinto muito feliz. O benefício não só para a criança, é para mim também. Mas eu quero que seja para ela, porque o problema da sociedade, doutora Jaira, é ter medo. Muita gente chega pra mim, Vereadora Lúcia, não foi só a senhora não, e diz assim: 'eu tenho medo de me apegar'. Não, mas você tem que se apegar mesmo. Já dizia Késia a mim, Deliane, o que eles precisam é de amor, não é, Deliane? É pra se apegar mesmo, porque existe uma equipe capacitada que fica lhe visitando, e aqui eu parablenizo aos técnicos, não é, doutora Ana Rita, que vão na minha casa, mensalmente, e se precisar, vai mais de uma vez, e essa equipe dar um suporte. E eu digo muito a eles assim: nos preparem para a hora que a gente tiver que se despedir. Eu não estou preparada pra isso. Ninguém está, minha gente, a gente só está

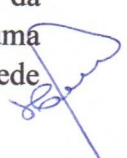




preparado pra amar. Mas eu digo muito a minha mãe o seguinte: mãe, vamos viver um dia de cada vez. Ontem à noite eu sai daqui da Câmara e fui pegar ele, pra dormir, e quando eu fui pegar, ele estava dormindo. Minha mãe disse: 'minha filha, ele está dormindo'. Eu disse: mãe, eu não sei dormir sem ele. Eu trabalho, todo mundo sabe. A minha mãe disse: 'pois está bom', e mãe olha pra mim, assim e diz: 'eu acho que você está me preparando pra quando chegar a hora'. E a hora vai chegar, eu sei, doutor Kaio, eu sou ciente disso, que vai chegar. Se eu disser ao senhor que estou preparada, eu não estou. Mas essa equipe está me preparando, não é Deliane? Essa equipe está me preparando, Deus vai nos preparar, não é Júnior? Todas as noites eu oro com ele, pra o Senhor dê discernimento ao Poder Judiciário pra decidir o que for melhor pra ele. E eu amanhã, quando, se Deus quiser, ele for um grande cidadão, ele for um doutor, quem sabe um Promotor, como o senhor, doutor Kaio, ele está muito pra vereador, porque ele adora esta Câmara, mas quando ele estudar, que se formar, eu quero ter a certeza que contribui com aquele cidadão. E não só com ele, Helena, com outros, com outros. Então, assim, o no compromisso para com a criança e adolescente, por mais que a gente tenha respeito ao Poder Judiciário, e aqui agradeço a doutora Joscileide, que abraça essa luta, por mais que a gente tenha respeito à Helena, a toda essa equipe, doutor, o nosso compromisso é com ele, é com a criança, é olhar pra ele e ver aquele sorriso, aquela confiança. Quando eu chego em casa cansada, muito cansada, e a gente tem uma pessoa que nos dá um suporte lá em casa, quando ele corre pra mim, que senta, que eu vou jantar, ele senta no meu colo, e eu vou comer com uma mão só, ele começa colocar a mão no prato e comer, a menina diz: 'ele acabou de jantar'. Aí eu digo: mas ele não jantou comigo, ele que jantar comigo, ele que jantar com a pessoa que para ele é uma referência. Então, foi isso que nós nos tornamos, não é, mãe? Essa referência. Então, aqui, eu quero pedir a todos vocês, Samara, essa grande mulher que está aqui, o que a gente quer, Samara, é que vocês sejam multiplicadores. Eu tenho certeza que essa foi a intenção também do senhor, doutor. E eu fiquei feliz quando O Ministério Público me chamou, porque, infelizmente, existem pesquisas que mostram, Vereadora Tide me perdoe, eu vou citar isso, e isso é uma realidade, uma pesquisa do Senado, que, infelizmente, as pessoas não têm muita credibilidade no Poder Legislativo, criou-se essa cultura. E talvez as pessoas não saibam que o Poder Legislativo tem uma vereadora que é família acolhedora, tem outros atos que vem contribuir com a sociedade, porque as pessoas só apontam: 'vereador não faz nada, vereadora não trabalha, vereador não faz nada'. E quando Ministério Público chama, eu fico feliz porque a gente sabe do respeito que as pessoas têm ao nome do Ministério Público, e é merecedor esse respeito. Mas quando o Ministério Público chama, é importante porque as pessoas param e escutam a causa: 'o Promotor está falando'. Porque se disser que é divulgação, doutor, eu já ouvi Helena falando várias vezes sobre família acolhedora, já ouvi várias vezes propagandas sobre isso, mas talvez as pessoas que estão aqui, hoje, já foram sensibilizadas em estar aqui, e parablenho vocês, muito obrigada por estarem aqui, saiam com outra visão. Não tenham medo de acolher porque vai sofrer. Eu já disse a equipe: se eu chorar, mandem me dopar, me deem um calmante, façam alguma coisa, mas levem essa criança pra ser feliz, leve essa criança pra voar. Vocês podem dizer: 'Nadir, quando chegar o dia lembra do que você disse?' e está gravado aqui. Mas a gente precisa, esse é o meu pensamento, eu entrei no programa com esse pensamento: eu quero contribuir, eu quero que a família que vai receber essa criança, e eu tenho certeza que está sendo preparada também, porque esse programa é em conjunto, tem os programas de adoção, as famílias estão sendo preparadas, eu quero que essa família receba uma criança



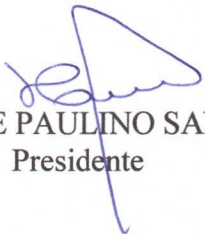
com menos trauma. Esse programa é um programa de redução de traumas. O família acolhedora é um programa de redução de danos, porque o ideal para a criança era que toda criança e adolescente nascesse com uma mãe, um pai, dois pais, duas mães, nascessem em um lar onde ele fosse sonhado, desde o momento da concepção até o dia que se tonasse adulto, e fosse para sua vida própria. Mas, infelizmente, não é a nossa realidade, poucas crianças, como eu, que não tive uma proteção, e tive por parte da minha mãe, e aqui agradeço a ela, mas que teve muitas dificuldades pra vencer na vida, conseguem chegar aqui onde estou. Conseguem usar essa tribuna que estou usando, conseguem fazer o que estou fazendo. Poucas crianças chegam a esse ponto. Infelizmente as nossas crianças estão nascendo vítimas, vítimas. E a gente precisa fazer alguma coisa. Eu não posso dizer que a responsabilidade é só dos pais, é do poder público, é da justiça, é da sociedade. Então, a gente precisa estar aqui sensibilizado para fazer o nosso papel enquanto sociedade. Eu sei que todo mundo aqui tem compromisso, e eu não quero apontar ninguém, eu só quero pedir pra gente refletir, refletir: se Nadir pode, eu posso. Se Nadir conseguiu, eu consigo. Se Nadir pediu ajuda, eu não me vir autossuficiente, na hora que fui tocada, e vou concluir senhora presidente, eu não que tornar cansativo, mas na hora fui tocada e na hora que essa equipe me abraçou, porque a gente sabe que a secretaria, Helena, tem muitos sonhos, muito planos, e você está de parabéns, você tornou nossa cidade referência, a cidade da primeira infância. Eu fico muito orgulhosa. Aqui eu quero cumprimentar Elba, ela recorda desse fato, eu sou da época, doutor, que essa mulher ali me ligou a muitos anos atrás, e disse: 'Nadir, nós precisamos de você. Nós temos duas crianças que os pais as deixam trancadas, dois bebês, e eles estão passando fome. Os pais as deixam trancadas e vão usar droga, vão pra rua, e a gente descobriu isso, hoje, através de uma denúncia da Pastoral da Criança, e a gente precisa do seu apoio'. Alba, eu estou na faculdade, na época, não lembro, mas eu chego aí. Ela confiou que eu chegava, e eu fui. Gente, sabe onde essas crianças moravam? Quase ao lado da minha casa, e eu não sabia desse fato. Quando eu cheguei lá, as crianças tinham passado tanta fome, elas estavam com uma carência nutricional tão grande, que o cabelo caiu, a pele tinha caído. E quando cheguei, o pai tinha sido preso por negligência. Eu arrumada, a mãe pensava que eu era uma Promotora, e a mãe disse assim: 'não me prenda, não'. Eu disse: a gente não está aqui pra lhe julgar. Eles estavam tão desidratados que tiveram que para o Hospital Infantil tomar soro. Quando eles sorriam, a pele ficava assim, de tanta desidratação. E ela disse: 'não me prenda'. Eu disse: a gente não está aqui pra lhe julgar, aceite que eu lhe ajudo. Nós vamos lhe ajudar. Não fui isso, Alba? E nós cuidamos dessas crianças. Todos os dias eu chegava na minha casa, ia na casa dela, batia na porta dela, e eles estavam usando droga. Eu sabia, mas nunca perguntei. Eu dizia: fulana, cadê as crianças. 'Estão aqui'. Eu vim pegar. 'Eita, vou dar um banho. Não precisa, eu vou dar o banho, eu vou dar comida. Eu posso alimentá-las? 'Pode'. Eu não podia nem levar o alimento fechado, porque eles vendiam e trocavam por droga. E a gente cuidou dessas crianças, não foi, Júnior, até a idade de creche. Quando chegou na idade de creche, eu fui à creche, a gente os colocou na creche, e hoje são dois rapagões, bem grandes. Fiquei até triste, quando encontrei com eles, dia desses, quando eu estava mais gordinha, e ele olhou e disse: 'mãe, ela está grávida?'. Eu disse: mas, meu filho, tanto que fiz por você, e você fazer um julgamento desses? Então era isso, minha gente. Eu pedi muito a Deus pra eu não me emocionasse, porque o meu intuito não é esse, o meu intuito é chamar a atenção da sociedade para nossa responsabilidade. E que a gente entenda que em Patos existe uma Secretaria de Desenvolvimento Social comprometida. Aquilo que vocês veem na rede



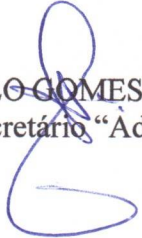


social do município não propaganda, é ação, é prestação de contas. A gente tem uma rede apoio que é nota dez. Adeliane, Kézia, Antônia, Ana Rita, vocês são maravilhosas, na hora que eu ligo, se Gabriel adoeceu, a criança adoeceu, eu liguei, e elas disseram: 'Nadir, está precisando de quê?'. Já está tudo resolvido, é só pra comunicar a vocês. Então a gente tem uma equipe protegida, a gente tem o Ministério Público que, graças a Deus, sempre contribuiu, e agora chega doutor Kaio, jovem Promotor, com essa boa vontade. E a primeira vez que o senhor vem aqui nesta Casa Legislativa, traz uma causa tão grande. Então, para nós o senhor sempre será imenso, doutor Kaio, porque o senhor chegou aqui protegendo o nosso futuro, mostrando que quer unir forças com a gente. A gente tem um Poder Judiciário, doutora Jaira, que faz essa diferença. Então, enquanto sociedade, vamos dar as mãos, não vamos temer. Ah, eu tenho medo da despedida. Não tenha medo da despedida, nós seremos preparados para esse momento. Agora pensem uma coisa, se você tem medo de sofrer, se você tem medo de chorar, se você tem medo de sentir saudade, lembre-se, faz um ano que nós estamos acolhendo essa criança, faz um ano que ela é muito feliz. Então é um ano que tenho a certeza que todas as noites ele dorme sendo abraçado, beijado e protegido. É ano que ele não teve internamento, é um não que eu sei que ele não tem mais alergia à proteína do leite, é um ano que eu sei ele não tem mais asma. Então é um ano aonde o afeto, o amor, a doação falam mais alto. Então, antes de concluir, eu queria passar mais um vídeo pra que vocês saiam daqui mais tocados e entenda que essa responsabilidade é de todos nós. As nossas crianças precisam de todos nós, e você pode ser a próxima família acolhedora a estar aqui nesta tribuna, deixando o seu depoimento". Após a exibição do vídeo, a Oradora disse: "Era a mensagem que eu queria passar pra vocês. Muito obrigada a minha família, muito obrigada, Helena e equipe, muito obrigada ao Ministério Público. E um obrigado muito especial, que eu não poderia esquecer, aos nossos amigos. Quero agradecer na pessoa do capitão Neilton, ele e sua esposa, e o nosso amigo Beto, que nos ajuda. Muito obrigada". Com a palavra, a senhora Presidente disse: "Quero aqui agradecer primeiramente ao nosso Promotor, doutor Kaio, que nos proporcionou esta Audiência, que foi realmente uma Audiência importante, que todos nós tivemos como semear essa semente do acolhimento. Então, nossa gratidão a doutor Kaio, por essa sessão de hoje. Quero agradecer principalmente a Deus e a Vereadora Nadir, por nos proporcionar essa experiência da doação, o quanto é importante isso". Não havendo nada mais a tratar, agradecendo a presença de todos, a senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública às vinte e uma horas e oito minutos.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 08 DE OUTUBRO DE 2025.



VALTIDE PAULINO SANTOS  
Presidente



JOSÉ ÍTALO GOMES CÂNDIDO  
1º Secretário "Ad hoc"



BRENNNA V. LEONARDO F. NÓBREGA  
2ª Secretária "Ad hoc"